

RELATOS DE CASO

SEXUALIDADE: VAMOS FALAR SOBRE ISSO? RELATO DE UM GRUPO OPERATIVO COM UNIVERSITÁRIAS

SEXUALITY: LET'S TALK ABOUT IT? REPORT OF AN OPERATIVE GROUP WITH UNIVERSITY STUDENTS

SEXUALIDAD: ¿HABLEMOS DE ELLO? RELATO DE UN GRUPO OPERATIVO CONUNIVERSITARIAS

Larissa Christine Jerônimo Neiva¹  Sara Santos Dias Costa²  Tales Vilela Santeiro³ 

Resumo: A sexualidade é um aspecto transversal no desenvolvimento humano, do nascimento até a morte, e seus fundamentos estão centrados nas primeiras vivências com nossos cuidadores. Este trabalho objetiva relatar a vivência de um grupo operativo *on-line*, que teve como participantes dezenove universitárias matriculadas em cursos da área de saúde, de uma universidade pública federal. A dupla executora foi constituída por uma coordenadora estudante de psicologia e uma observadora mestranda de psicologia. O trabalho foi realizado a partir do referencial de grupos operativos de Pichon-Rivière, cuja tarefa explícita proposta foi *Sexualidade: vamos falar sobre isso?* Para a mediação dialógica dos encontros, perguntas e recursos artísticos foram utilizados. Durante o desenvolvimento dos trabalhos, os emergentes grupais foram notados como polarizadores de identificação intragrupal, tais como questões de gênero, imagem corporal, sexualidade e expectativas quanto ao próprio funcionamento do grupo. No último encontro, um formulário foi enviado e a partir dele notou-se e dialogou-se sobre quanto o grupo pôde ser um espaço de expressão, em que as participantes compartilharam suas emoções, experiências e conhecimentos. De modo geral, no término do trabalho percebeu-se que um espaço acolhedor foi construído, livre de julgamentos.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; Grupo; Estudantes; Mulher; Saúde Mental.

Abstract: Sexuality is a transversal aspect of human development from birth to death. Its foundations are centered on early experiences with our caregivers. This work aims to report the experience of an online operative group. Nineteen university students enrolled in health-related courses at a public federal university constituted the group. The executing pair were a psychology student coordinator and a psychology master's student observer. The work was conducted based on Pichon-Rivière's operative group framework. The explicit task proposed was: *Sexuality: let's talk about it?* To mediate the dialogues in sessions, questions and artistic resources were used. During the development of the work, group emergents were noted as polarizers of intragroup identification, such as gender issues, body image, sexuality, and expectations about the group's functioning. In the final meeting, a questionnaire was distributed. It highlighted and brought out discussions about how the group could be a space for expression, where participants were able to share their emotions, experiences, and knowledge. At the conclusion of the work, the group was capable to promote a welcoming space, free from judgments.

Keywords: Clinical Psychology; Group; Students; Women; Mental health.

Resumen: La sexualidad es un aspecto transversal en el desarrollo humano, desde el nacimiento hasta la muerte, y sus fundamentos se centran en las primeras experiencias con nuestros cuidadores. Este trabajo tiene como objetivo relatar la experiencia de un grupo operativo en línea, compuesto por diecinueve universitarias matriculadas en carreras del área de salud en una universidad pública federal. El equipo ejecutor estaba formado por una coordinadora estudiante de psicología y una observadora en formación de maestría en psicología. El trabajo se realizó a partir del marco teórico de los grupos operativos de Pichon-Rivière, con la tarea explícita propuesta de *Sexualidad: ¿hablemos de esto?*



¹Mestranda em Psicologia e Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Brasil. larissa.neivaj@gmail.com

²Mestre em Psicologia e Saúde. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, Brasil. sasantosd@outlook.com

³Doutor em Psicologia como Profissão e Ciência. Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Professor Associado do Departamento de Psicologia e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Uberaba, Brasil. talesanteiro@hotmail.com

Para la mediación dialógica de los encuentros, se utilizaron preguntas y recursos artísticos. Durante el desarrollo, los emergentes grupales se observaron como factores polarizadores de identificación intragrupo, como cuestiones de género, imagen corporal, sexualidad y expectativas sobre el funcionamiento del grupo. En el último encuentro, se envió un formulario que permitió notar y dialogar sobre cómo el grupo funcionó como un espacio de expresión, donde las participantes pudieron compartir sus emociones, experiencias y conocimientos. En general, al finalizar el trabajo, se percibió que se había construido un espacio acogedor, libre de juicios.

Palabras clave: Psicología Clínica; Grupo; Estudiantes; Mujer; Salud mental.

Introdução

A sexualidade engloba um conjunto de expressões e comportamentos que impactam todo o ciclo de vida do ser humano (Figueiró, 2009). Ela é atravessada por fatores biológicos, psicológicos e socioculturais e uma energia que nos motiva a buscar amor, contato, ternura e intimidade, integrando-se na forma como sentimos, movemos, tocamos e somos tocados. Por essas razões, influencia pensamentos, ações e interações, permeando também a nossa saúde física e mental (Organização Mundial da Saúde, 2017).

Além disso, a sexualidade engloba aspectos como a atração sexual, comportamento sexual, identidade e papel de gênero, orientação sexual, intimidade emocional e física. Por estar presente e constituir todos nós, ela se desenvolve e se molda de formas diferentes para cada pessoa, dada a sua cultura e o contexto de inserção (De Moraes; Brêtas; Vitalle, 2018; Da Silva *et al.*, 2024). Apesar de sua importância fundamental no desenvolvimento humano, na vivência da sexualidade surgem conceitos e preconceitos que costumam simbolizar visões hegemônicas, trazendo com elas, valores, normas, medos, vergonha, dentre outras formas de ver, ouvir e vivenciá-la, sendo também marcada por interesses políticos e econômicos (Souza; Gagliotto, 2023).

Consideradas essas definições gerais, do ponto de vista da psicanálise, a sexualidade e suas manifestações nos constituem de modo transversal, desde a infância (Costa; Oliveira, 2011; Freud, 1901-1905, 2016). Nesse momento da vida, as suas manifestações se enraízam nas vivências com familiares/cuidadores (Freud, 1901-1905, 2016). É nessas relações primordiais que os ensinamentos e condutas aceitáveis para a socialização são repassados, compondo o universo simbólico da pessoa (Ressel *et al.*, 2011).

Ainda que os aprendizados sobre sexualidade centrem-se nas primeiras vivências familiares, a entrada no mundo escolar os amplia. Nesse sentido, integrar a universidade é um marco sociocultural relevante que as pessoas percorrem no seu trajeto de educação formal. A inserção do estudante nesse ambiente é, assim, marcada por processos complexos de transição e adaptação, além de ser um momento no qual conflitos e questões subjetivas (re)surgem, (re)atualizam-se e se expandem (Pinho *et al.*, 2015; Santeiro *et al.*, 2023). Trata-se de um processo de (re)descobertas pessoais e profissionais, propício ao desenvolvimento de maior responsabilidade, comunicação e maturidade.

O universitário precisará criar vínculos e uma rede de apoio que poderá facilitar a sua permanência no novo lugar. Esses novos relacionamentos podem colaborar para o seu bem-estar, a partir da estruturação de uma rede de suporte emocional fora da família, por meio do apoio em casos de dificuldade e do compartilhamento de expectativas, interesses, problemas e experiências (Santeiro *et al.*, 2023; Santos; Oliveira; Dias, 2015). A vida universitária se torna, por meio dessa movimentação, uma construção de vivências relacionais e a sexualidade permanece como aspecto transversal. Esse é um momento de (re)descobertas e experiências sexuais, assim como de questionamentos acerca do gênero (Brancaleoni; Oliveira; Silva, 2018).

Na medida em que o humano e a sexualidade se constituem *da* e *na* relação com os outros, vislumbramos a importância dos grupos na constituição das subjetividades e como um instrumento privilegiado para a compreensão e possibilidade de transformação do mundo interno e relacional das pessoas (Oliveira, 2021). A grupalidade possibilita a continuidade da construção subjetiva das pessoas que se reúnem, num processo contínuo e dialético. Considerando esse cenário geral, o objetivo deste artigo é relatar as vivências estabelecidas em um grupo operativo focado em diálogos sobre a sexualidade, com universitárias.

Método

Tipo de estudo

Este trabalho é um relato de experiência. Segundo Daltro e Faria (2019), essa modalidade de pesquisa se localiza no território da abordagem qualitativa e é concebido a partir da elaboração ativa e da reinscrição da memória dos pesquisadores, que estiveram implicados e foram afetados pelos eventos por eles compartilhados. Nesse sentido, esse tipo de estudo é mais uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas, como é o caso da psicologia e das ciências humanas.

Participantes

Dezenove mulheres participaram da experiência, com idades entre dezenove e trinta e nove anos, de sete cursos da área da saúde e de diversos períodos letivos, matriculadas em uma universidade pública federal do interior de Minas Gerais. Onze participantes se autodeclararam heterossexuais, seis bissexuais e duas homossexuais. Quanto à autodeclaração étnico-racial, doze se autodeclararam brancas e sete negras.

Os critérios de inclusão foram participantes que se identificavam como mulheres, que fossem estudantes vinculadas aos cursos de graduação da área da saúde e tivessem disponibilidade para participar dos encontros, de modo síncrono. Por sua vez, os de exclusão foram participantes que, por alguma razão, demonstraram impedimentos para integrar um processo grupal (por exemplo, tinham expectativas de realizar um processo psicoterapêutico individual).

Equipe executora

A equipe foi composta por uma estudante de psicologia, do nono período, e uma psicóloga, mestranda em psicologia, que desempenharam os papéis de coordenadora e observadora, respectivamente. O processo foi supervisionado, semanalmente, por um professor doutor dedicado ao ensino, extensão e pesquisa sobre processos grupais inspirados na metodologia pichoniana (Emílio, 2021; Pichon-Rivière, 1983/2000).

Estratégias usadas para a produção de dados

Três instrumentos foram aplicados em momentos distintos: (1) antes das intervenções grupais, um questionário sociodemográfico para identificação das possíveis integrantes do grupo; (2) um grupo operativo composto por seis encontros semanais (Emílio, 2021; Pichon-Rivière, 1983, 2000), cuja tarefa explícita era investigar como as universitárias compreendiam, significavam e vivenciavam a sexualidade; e (3) no último encontro, utilizou-se o questionário *Pensando sobre mim e sobre o grupo*, para levantamento de informações relativas à avaliação dialogada do processo grupal. Esse último instrumento era composto por treze questões, das quais três eram abertas e 10, fechadas, as quais visavam a levantar informações processuais sobre como a universitária percebia o seu envolvimento nos trabalhos do grupo (diagnóstico vertical) e o andamento dos trabalhos do grupo (diagnóstico horizontal). Sendo respondido individual e anonimamente, no Google Forms, depois de preenchidas, as respostas foram compartilhadas com o coletivo.

Procedimentos

Inicialmente, uma arte sobre o grupo foi divulgada por meio de e-mails das secretarias dos cursos-alvo. As interessadas ingressaram em um grupo no WhatsApp, a partir do qual um *link* do Google Meet para o primeiro encontro foi enviado. Neste primeiro encontro objetivamos apresentar a proposta do grupo, estabelecer um vínculo inicial com as interessadas e sanar dúvidas sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Em seguida, o contrato de trabalho grupal foi discutido com as participantes que consentiram em participar. Para essas, também foi enviado um *link* do Google Forms, em conformidade com as determinações éticas de pesquisa no Brasil, para acesso ao TCLE, no qual as condições de participação na pesquisa eram explicitadas. Após o consentimento, observamos que os encontros subsequentes foram gravados, transcritos

na íntegra e utilizados como *corpus* analítico do presente relato.

O grupo operativo ocorreu ao longo de seis semanas, com duração de uma hora cada sessão. A composição grupal pode ser classificada como homogênea e fechada (Fernandes; Santeiro, 2021). Houve participação de dezenove participantes, em média (com variabilidade entre quinze e vinte e uma).

Para a análise e interpretação das vivências, utilizamos a compreensão de grupo operativo de Pichon-Rivière (1983, 2000), bem como adaptações e ampliações que têm sido desenvolvidas no cenário brasileiro (Emílio, 2021). Esse tipo de grupo é caracterizado por focar o aprender a aprender e por visar à ampliação das condições das pessoas para refletirem e construir esquemas referenciais compartilhados, a partir das experiências grupais. No grupo, as pessoas são ligadas entre si por constantes de tempo e espaço e por sua mútua representação interna (vincularidade); nesse âmbito, elas se propõem, de forma explícita ou implícita, ao trabalho sobre uma tarefa. Dessa forma, as manifestações em um grupo devem ser compreendidas como comunicações sobre algo relacionado ao conjunto que as pessoas estão inseridas (Oliveira, 2021). Além dessas contribuições, incorporamos também epistemologias da temática da sexualidade e dos estudos de gênero (Figueiró, 2009; Freud, 1901-1905, 2016; Scott, 1990).

Considerações éticas

Este estudo está articulado ao projeto de pesquisa *Constituir-se universitário(a) durante e após a pandemia de covid-19: grupos operativos on-line*, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, sob o protocolo CAAE nº 50026821.9.0000.5154.

Resultados e discussão

Apresentaremos a seguir relatos dos seis encontros, incluindo temáticas emergentes em cada um, acompanhados de exemplos das narrativas das participantes. Para a identificação, utilizaremos nomes fictícios inspirados na série britânica *Sex Education*, devido à sua conexão com os temas abordados, que ainda são considerados tabus por muitas pessoas. Esse panorama pode ser visualizado no Quadro I, que apresenta as tarefas propostas e os disparadores de diálogo utilizados.

Quadro I - Tarefas e disparadores grupais

Encontro	Tarefa	Disparador
1º	O ser mulher e o ser mulher universitária	Como é ser mulher?
2º	O que é sexualidade	O que é sexualidade?
3º	O corpo e o corpo na sexualidade	Vídeo Aimee e o Maravilhoso Universo das PPKs Sex Education ¹ .
4º	Possíveis diálogos a partir das demandas das participantes	O que vocês gostariam de dialogar neste encontro?
5º	Sentimentos em relação ao grupo	Como vocês se sentem quando são convidadas a falar sobre sexualidade? + música <i>Salve todas</i> , de Antonia Medeiros ² .
6º	Diálogos sobre as respostas do questionário + despedida	Questionário Pensando sobre mim e sobre o grupo + poema <i>Eu sou eu e você é você</i> , de Madalena Freire.

O primeiro encontro foi conduzido com o intuito de apresentar a proposta do grupo, abordar questões contratuais e estabelecer um vínculo inicial com as pessoas interessadas em participar. Buscamos estabelecer um contato inicial que permitisse a criação de um espaço seguro, acolhedor e sigiloso, onde as participantes pudessem expressar suas perspectivas, percepções e vivências, favorecendo a criação de vínculos. Caso contrário, estaríamos diante de um agrupamento de pessoas em um espaço e tempo comuns. A noção de

¹ Link para acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ilyOmg7g0hg&t=2s>

² Link para acesso ao vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=K0H_aukUJ0k

vínculo é um conceito-chave para compreender as relações grupais (Pichon-Rivière, 1983, 2000), na medida em que somos interdependentes uns em relação aos outros, desde as primeiras relações com nossos pais/cuidadores até as demais, posteriores, construídas em cenários extensos ao familiar.

Iniciamos com as apresentações da equipe executora e das participantes, em seguida, um momento para sanar eventuais dúvidas. Durante as apresentações, elas compartilharam suas expectativas e as motivações que as levaram a integrar um grupo com a temática da sexualidade. A falta de um espaço onde pudessem falar abertamente sobre o assunto, aliada ao interesse de algumas em aprender mais, ouvindo umas às outras, foram narrativas que emergiram. Propomos, contudo, refletir inicialmente sobre as vivências de ser mulher universitária. Assim, elas partilharam experiências comuns, o que possibilitou diálogos que foram tomados como “pistas” de temáticas que seriam retomadas nos encontros subsequentes.

No segundo encontro, aprofundamos os diálogos sobre a sexualidade. O lançamento da questão “O que é sexualidade?” possibilitou que elas conversassem sobre suas perspectivas e compreensões a esse respeito. Por um lado, o entendimento de um tema abrangente emergiu, não englobando apenas as experiências sexuais, mas também a relação com o corpo e consigo mesmas, bem como os vínculos interpessoais, aspectos esses contemplados na literatura especializada (Figueiró, 2009; OMS, 2017). Por outro lado, predominaram narrativas permeadas por incertezas, indagações e questionamentos, o que revelava a complexidade da temática e o quanto ela era pouco explorada no dia a dia das participantes, conforme ilustrado abaixo.

Eu acho uma coisa tão difícil de definir porque parece que a gente sabe, né? É um certo senso comum, mas, na hora de falar a respeito, trava. Eu não faço a mínima ideia do que falar, nem do que é sexualidade para mim, nem de como eu a vivencio. Talvez, se mais alguém quiser falar, eu tenha alguma ideia (Aimee Gibbs).

É um assunto que eu tenho a impressão de que fica agarrado na garganta, sabe? Porque é difícil de falar. Até entrar na faculdade, eu nunca tive essa liberdade de falar sobre isso. Eu não sei como é a relação das outras meninas aqui, a relação com a família, com a mãe, mas, para mim, sempre foi um assunto tabu na minha família. Nunca, nunca foi falado, nunca (Lily Iglehart).

Quando Lily Iglehart narra que, antes da universidade, nunca teve espaços e oportunidades de falar sobre sexualidade, a seguinte indagação surgiu: em uma sociedade de base machista e patriarcal, na qual as mulheres permanecem associadas à vida privada e aos cuidados familiares, como poderíamos, ao longo de nossas vidas, falar de maneira fluida e espontânea sobre nossos desejos, corpos e, sobretudo, nossa sexualidade? Queremos reafirmar, assim, o quanto os processos da vida são experienciados de maneira diferente por homens e mulheres; pensar o gênero enquanto categoria de análise e elemento constitutivo da sociedade fazia-se imperativo (Scott, 1990).

De acordo com Scott (1990), as diferenças biológicas permeiam construções sociais que são hierarquizadas na sociedade. O gênero é uma das primeiras formas de atribuir significado às relações de poder e de dominação. Essa definição sinaliza alguns atravessamentos: se há caminhos a serem percorridos, também existiriam formas alternativas de se constituir emoções, sentimentos e vivências, que poderiam ser experienciadas no grupo?

Enquanto facilitadoras do grupo, assim, observamos um processo de *vir a ser*, deparamo-nos com narrativas que se constituíam durante o processo de escuta mútua. Um dado interessante é que, a cada encontro, narrativas que se complementavam surgiram, paulatinamente. Por exemplo, ao dialogarmos sobre as dificuldades de falar abertamente sobre sexualidade, notamos que o conhecimento sobre o tema poderia variar entre homens e mulheres, narrativas e reflexões que apareceriam somente nos encontros seguintes. Nas palavras de Ola Nyman:

Eu fiz anatomia duas vezes, na verdade, em duas faculdades, as duas públicas. Mas, nas duas aulas, era tipo assim, o dobro de tempo; tipo, se for comparar, o dobro de tempo era falando do sistema masculino e explicando detalhe por detalhe. Você tem que saber uns mil nomes, tem que saber tudo o que acontece, todo o processo que forma o esperma. Aí, do feminino, não fala nada; tipo, dificilmente fala onde é o clitóris, sabe? E acho que o quanto isso acontece, tipo, desde as brincadeiras ou das outras formas que a gente obtém conhecimento, desde que é criança, que aprende, às vezes uma menina, às vezes nessa idade que você falou, às vezes elas sabem mais sobre o sistema masculino, por exemplo, do que sobre o delas. Eles sabem mais porque é ensinado a dar prazer para os homens, é ensinado a eles a se darem prazer, às mulheres a dar prazer para os homens, e não tem esse autoconhecimento ou esse incentivo à [falar da] sexualidade.

À luz das discussões sobre o corpo feminino, propomos no terceiro encontro refletir e dialogar de forma mais detalhada sobre o tema. O disparador grupal foi essencial para iniciar os diálogos, criando um espaço propício para compartilhar o *site* inspirado no vídeo compartilhado (Quadro 1), promovendo a diversidade das vulvas e os diferentes corpos femininos. Dialogar sobre a intimidade feminina era estar diante das constantes comparações entre corpos, analisando como se estabelecem e como dados padrões estéticos definem o que é considerado desejável e bonito. Aspectos que ganham força, por exemplo, por meio de procedimentos estéticos, reforçando conceitos culturais e sociais de beleza, conforme ilustrado a seguir.

Porque eu sempre falo pra minha mãe, mãe do céu, a família do pai, tipo, todos vão morrer odiando o próprio corpo. E, tipo, não importa quantas cirurgias façam, quantas dietas malucas façam, não conseguem chegar no que eles almejam, que é aquele corpo, tipo, preestabelecido, muito padronizado. E eu sempre fui muito cobrada nisso (Ruby Matthews).

No decorrer das sessões, constatamos a importância de reconhecer e valorizar a diversidade feminina, de escutar as inseguranças e angústias, para além de uma prática disseminada entre consumidoras de uma plataforma de *streaming*. A possibilidade de olharem para si e escutarem-se, sobretudo para reconhecerem o que havia “por trás” daqueles corpos, marcava a dinâmica grupal. A participante Dra. Jean Milburn, por exemplo, disse: “Têm cicatrizes, têm histórias por trás, seja ele [o corpo] gordo, seja ele magro, né? Então, sim, eu trago histórias com o meu corpo”. Assim, conversamos sobre a centralidade de vivermos e pensarmos os processos de autoconhecimento e aceitação em relação ao próprio corpo e à sexualidade.

No quarto encontro, após dialogarmos sobre algumas temáticas que perpassavam o tema da sexualidade, perguntamos se elas tinham alguma demanda que gostariam de conversar naquele momento. O objetivo era compreender as necessidades e interesses das participantes em relação a temas que, eventualmente, não haviam sido abordados. Maeve Wiley compartilhou uma experiência em um projeto de educação para sexualidade focado em jovens, do qual ela participava:

Quando eu abri os slides e a primeira coisa que, a primeira vez que apareceu a imagem de uma vulva, as meninas falaram, “eca, que nojo”. E elas tapavam os olhos assim, lembrando que são meninas de 14 a 17 anos nessa turma que eu dou aula [...]. Era o desenho de uma vulva. E eu falei, gente, eu tentei trabalhar isso com elas, lógico. Mas é um negócio assim que se a gente for parar para ver, a gente não vê muito nos meninos.

Foi possível, destarte, compreender que a falta de conhecimento em relação ao próprio corpo foi uma das barreiras vividas pelas participantes, transversalmente, uma vez que, desde pequenas, viam-se educadas para não conhecer e olhar para os seus próprios corpos. Por outro lado, iniciativas erigidas em direções contrárias eram, frequentemente, compreendidas como erradas, feias ou, como dito pelas adolescentes com as quais Maeve Wiley trabalhava, algo nojento.

A experiência narrada por Maeve Wiley é possível, ainda, de ser compreendida como não dizendo apenas sobre a dificuldade de se falar sobre a sexualidade feminina “das adolescentes” com as quais trabalhava “lá fora”, mas também sobre aprender umas com as outras, no aqui-agora da experiência grupal. Nesse sentido, De Oliveira *et al.* (2018) debatem que essa temática tem conquistado espaço na sociedade e vem se apresentando como algo que deve ser exposto e dialogado, a despeito de envolver tabus e dificuldades de diversos matizes.

Durante o quinto encontro, o disparador inicial dos diálogos (“como vocês se sentem quando são convidadas a falar sobre sexualidade?”) foi essencial para compreender como as participantes se sentiam quando eram convidadas a conversar sobre. Acerca disso, a Dra. Jean Milburn relatou:

Eu gosto do assunto, da temática, eu pesquisei por conta, é um dos meus hiperfocos. Então, assim, pra mim é tranquilo. Sei algumas coisas, coloco em prática algumas coisas na minha vida, tento. É... pegar esses estudo e colocar em prática, né? Não como ainda profissional, mas na minha vida, se possível. Eu gosto bastante, eu acho que a gente tem que falar cada vez mais.

A partir desse relato, e também considerando os de outras integrantes ao longo do tempo, notamos que, além do interesse pessoal no assunto, havia também interesses profissionais e acadêmicos para estarem no grupo; algumas citaram estarem envolvidas em pesquisas sobre sexualidade, por exemplo. Apesar de no primeiro encontro termos explicado o funcionamento do trabalho e estabelecido o contrato, no quinto, Olivia compartilhou ter algumas expectativas em relação ao grupo: “Os encontros estão sendo mais sala de bate-papo. Sinto carência de intervenções das organizadoras, seja compartilhando a própria experiência, seja algum conteúdo técnico do curso que motivou vocês a organizarem o grupo”.

Essa narrativa de Olivia fez com que, enquanto facilitadoras dos trabalhos grupais, pudéssemos retomar

o contrato estabelecido e os objetivos do trabalho (Fernandes; Fernandes; Santeiro, 2021). Além disso, permitiu-nos ponderar sobre o que era *dito* e *não dito*: o que se esperava de um grupo sobre sexualidade, ao mencionar os termos “conteúdo técnico do curso”? Olivia falava apenas por si, ou poderíamos compreender a sua manifestação como um emergente grupal alinhado ao desempenho do papel de porta-voz?

Uma possível compreensão que decorreu desse tipo de indagação é que o uso do vocabulário de ambientes acadêmicos atravessava o cotidiano das universitárias. No entanto, a proposta do grupo operativo era a de se constituir como um tempo e um espaço de trocas, partilhas, diálogos e aprendizagens “não acadêmicas”. Desse modo, o aprendizado que se colocava para a equipe executora tangenciava o quanto “distintos níveis de compreensão” acerca de como o “grupo poderia ser” estiveram em pauta.

Pensar sobre isso nos remeteu a pensar na seguinte narrativa:

Sobre as mesmas aulas de sistema genital, eu sinto que é sempre tratado com brincadeiras machistas, sabe? É sempre risada sobre... Quando é tratado, é tratado desse jeito meio... Sei lá, sabe? E é igual... Eu acho que é tão normal. Eu me sentia super desconfortável, assim, nesse tipo de aula (Olivia).

Olivia parecia “acusar” o grupo e a equipe executora sobre falhas eventuais, ao mesmo tempo em que reconhecia, a partir da própria experiência, um discurso permeado pelos riscos inerentes ao próprio trabalho que desenvolvíamos. Ao fazê-lo, também parecia se eximir de seu papel na construção de sentidos mais proveitosos das conversas “possíveis”, não porque alguém falhou em contemplar algo, mas porque sentia que seu papel nessa dinâmica estivesse bloqueado por algo. Medo do que poderia advir? Receio de ser objeto de cinismos e deboches? Essa mesma percepção de que acusações poderiam estar em andamento nos ensinavam sobre facetas da dialética do grupo, contemplando movimentos que poderiam não apenas ser negação de que as coisas estivessem num bom caminho, mas também de demonstração de que os trabalhos se encaminhavam para o fim (o 5º encontro estava em andamento).

Por fim, no último encontro foi o momento de responder e conversar sobre o questionário *Pensando sobre mim e sobre o grupo*. Uma das perguntas que o integram é: “Quando você expõe alguma ideia ou sentimento ao grupo, como tem se sentido?”, as respostas foram: “É bom expressar-se livremente em um espaço como esse, sentir-se acolhida e acolher as outras. Apesar de que compartilhamos muitas vezes mais episódios ruins, é bom conversar e ver o que outras sentem e pensam também”; “Acolhida, porque muitas ideias minhas coincidem com as de outras meninas”.

Na pergunta “Quando uma ou mais pessoas expõem alguma ideia ou sentimento ao grupo, como você tem se sentido?”, as respostas foram: “Fico pensativa sobre as questões, algumas são difíceis, mas é bom compartilhar junto”; “Bem, pois me faz criar coragem para expor também”; “Adoro quando várias pessoas participam. Me identifico bastante e a linha de raciocínio rende muito”. A partir do que foi respondido, tivemos a oportunidade de conversar sobre como elas se sentiram durante os encontros, portanto.

Na primeira pergunta aberta, houve a repetição da palavra “acolhida” e as participantes assinalaram que, ao longo dos encontros, sentiram-se mais confortáveis para compartilhar como se sentiam. Além disso, também foi um momento possível de conversarem sobre as identificações que tiveram umas com as outras e que elas não se sentiam sozinhas, com suas angústias e vivências, e também uma situação para perceber as diferenças nas formas de sentir e vivenciar as situações que perpassavam suas vidas e suas sexualidades.

Outro aspecto sobre o qual conversamos nesse momento de desfecho foi sobre os incômodos que os silêncios causaram, ao longo das sessões grupais. Para Rufatto (2021), o silêncio é um elemento a ser trabalhado como emergente do próprio grupo. Dessa forma, os silêncios que ocorreram podem ser compreendidos atendendo a uma dupla dinâmica: como simbolizadores de momentos reflexivos e, dialeticamente, como tradutores das dificuldades inerentes aos processos de conversar-aprender sobre sexualidade, estando *juntas*. Nesse sentido, indagamos: estar juntas e buscarmos pensar sobre si, sobre o próprio corpo, sobre a alteridade – e, também, sobre a sexualidade – pode se constituir como aprendizados sobre a intimidade?

Considerações finais

O objetivo deste artigo foi relatar a experiência de um grupo operativo com universitárias, quando propusemos conversar e pensar sobre a sexualidade, sobre as experiências e suas repercussões nesse campo do viver. Como potencialidades inerentes, estão a possibilidade de constituição de um espaço para que

estudantes universitárias pudessem compartilhar e refletir sobre questões relacionadas à sexualidade e suas diversas tonalidades e texturas. Também foi possível observar as manifestações de interesse, a participação e a assiduidade das integrantes como aspectos de natureza positiva, que denotavam o quanto aquele grupo se constituiu enquanto tal, ao longo das sessões (coesão grupal).

Compreender que naquele espaço as participantes puderam se identificar com experiências das demais e perceber que elas não eram simplesmente “individuais”, e sim “universais” daquele grupo, constituiu-se em uma enriquecedora fonte de aprendizado, para todas, incluindo a equipe executora. Contudo, também foi possível constatar o quanto as experiências narradas se distinguem umas das outras e que falar sobre essas diferenças nas formas de vivenciar as sexualidades se mostrou em sua potência dialética.

Nessa acepção, as vivências construídas no grupo relatado espelharam aspectos da sociedade patriarcal e machista na qual estamos inseridas. Nesse cenário, curiosidades e interesses aparecem, tanto quanto tabus, silêncios e dificuldades em falar e pensar a sexualidade feminina, ainda que em um grupo composto por mulheres. E, como desafios, percebemos que a quantidade de integrantes do grupo teve implicações na qualidade das participações, especialmente quando ponderamos que ele foi desenvolvido com a mediação da *internet*. Se lembrarmos que às dezenove integrantes somavam-se as pessoas da equipe executora e se pensamos na “pequenez” da tela de um computador ou na “minúscula” tela do celular que concentrava essas “informações”, visualizar “o todo” foi elemento crucial, bastante desafiador, tanto para pensarmos a técnica e o que ela nos permitia conduzir-viver (*setting*), quanto para consolidarmos os aprendizados decorrentes, que, ainda no momento de escrita, permanecem em vigor.

Agradecimentos

Agradecemos aos integrantes do Grupo de Pesquisa Clínica Psicanalítica: brincar aprender pensar e às participantes do grupo Sexualidade: vamos falar sobre isso?

Referências

- BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R.; SILVA, C. S. F. Educação sexual e universidade: compreensões de graduandos sobre sexualidade e gênero. *Revista Brasileira de Ensino Superior*, v. 4, n. 4, p. 25-42, 2018. Disponível em: <https://seer.atitus.edu.br/index.php/REBES/article/view/2563/2413>. Acesso em: 31 jul. 2024.
- COSTA, E. R.; OLIVEIRA, K. E. A sexualidade segundo a teoria psicanalítica freudiana e o papel dos pais neste processo. *Itinerarius Reflectionis*, v. 7, n. 1, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20332/19287>. Acesso em: 31 jul. 2024.
- DA SILVA, J. M. *et al.* Conhecimentos e vivências de estudantes de enfermagem sobre as questões de gênero e sexualidade. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 35, p. 1167-1167, 2024. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1167/937. Acesso em: 31 jul. 2024.
- DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e pesquisas em psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4518/451859860013/451859860013.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.
- EMÍLIO, S. A. Grupos Psicanalíticos de Reflexão e Discussão enquanto modalidades de Grupos Operativos. In: SANTEIRO, T. V.; FERNANDES, B.S.; FERNANDES, W. S. *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa*. Londrina: Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, 2021. cap. 14, p. 281-304. Disponível em: <https://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Clinica%20de%20grupos%20de%20inspiracao%20psicanalitica%20-%20teoria%20pratica%20e%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.
- FERNANDES, B. S.; FERNANDES, W. J.; SANTEIRO, T. V. Formação de psicoterapeutas e coordenadores de grupo de inspiração psicanalítica: Clínica de grupos na Saúde e na Educação. In: SANTEIRO, T. V.; FERNANDES, B. S.; FERNANDES, W. S. *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa*. Londrina: Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, 2021. cap. 4, p. 67-92. Disponível em: <https://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Clinica%20de%20grupos%20de%20inspiracao%20psicanalitica%20-%20teoria%20pratica%20e%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FERNANDES, W. J.; SANTEIRO, T. V. Proposta introdutória de classificação do trabalho grupal. In: SANTEIRO, T. V.; FERNANDES, B. S.; FERNANDES, W. S. *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa*. Londrina: Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, 2021. cap. 3, p. 53-66. Disponível em: <https://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Clinica%20de%20grupos%20de%20inspiracao%20psicanalitica%20-%20teoria%20pratica%20e%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FIGUEIRÓ, M. N. D. *Educação sexual: em busca de mudanças*. UEL, 2009. Disponível em: <https://maryneidefigueiro.com.br/files/uploads/507b25ee-30f5-4774-8e3f-7e8d6b98804d.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

FREUD, S. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1901-1905). 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5888787/mod_resource/content/1/kupdf.net_volume-6-trecircs-ensaios-sobre-a-teoria-da-sexualidade-freud-companhia-das-letras.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

MORAES, S. P.; BRÊTAS, J. R. S; VITALLE, M. S. S. Educação escolar, sexualidade e adolescência: uma revisão sistemática. *Journal of Health Sciences*, v. 20, n. 3, p. 221-230, 2018. Disponível em: <https://journalhealthscience.pgsscogna.com.br/JHealthSci/article/view/4913>. Acesso em: 31 jul. 2024.

MOREIRA, M. R. C.; SANTOS, J. F. F. Q. Entre a modernidade e a tradição: a iniciação sexual de adolescentes piauienses universitárias. *Escola Anna Nery*, v. 15, p. 558-566, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/h7jSwYfZLNJVJ8QCg7CsmbJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2024.

OLIVEIRA, E. L.; REZENDE, J. M.; GONÇALVES, J. P. História da sexualidade feminina no Brasil: entre tabus, mitos e verdades. *Revista Ártemis*, v. 26, n. 1, p. 303, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Josiane-Peres-Goncalves-2/publication/331049914_Historia_da_sexualidade_feminina_no_Brasil_entre_tabus_mitos_e_verdades/links/5f940947458515b7cf99311e/Historia-da-sexualidade-feminina-no-Brasil-entre-tabus-mitos-e-verdades.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

OLIVEIRA, I. C. Teoria e técnica dos grupos operativos segundo Enrique Pichon-Rivière. In: ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Saúde Sexual*. Saúde Sexual. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/sexual-health#tab=tab_2. Acesso em: 31 jul. 2024.

PICHON-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes; 2000. (Original publicado em 1983). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5770700/mod_resource/content/1/%5BPichon-Rivi%C3%A8re%5D_O%20Processo%20Grupal.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.

PINHO, A. P. M; Dourado, L. C.; AURÉLIO, R. M.; BASTOS, A. V. B. A transição do ensino médio para a universidade: um estudo qualitativo sobre os fatores que influenciam este processo e suas possíveis consequências comportamentais. *Revista de Psicologia*, v. 6, n. 1, p. 33-47, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/7021/702176882001.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

RESSEL, L. B. et al. A influência da família na vivência da sexualidade de mulheres adolescentes. *Escola Anna Nery*, v. 15, p. 245-250, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/TWkXbZDxcGtKLRHhNqngwTb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2024.

RUFATTO, A. T. Grupos nas instituições. In: SANTEIRO, T. V.; FERNANDES, B. S.; FERNANDES, W. S. *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa*. Londrina: Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, 2021. cap. 23, p. 461-482. Disponível em: <https://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Clinica%20de%20grupos%20de%20inspiracao%20psicanalitica%20-%20teoria%20pratica%20e%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SANTEIRO, T. V.; FERNANDES, B. S.; FERNANDES, W. S. *Clínica de grupos de inspiração psicanalítica: Teoria, prática e pesquisa*. Londrina: Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, 2021. cap. 8, p. 148-156. Disponível em: <https://www.uel.br/clinicapsicologica/pages/arquivos/Clinica%20de%20grupos%20de%20inspiracao%20psicanalitica%20-%20teoria%20pratica%20e%20pesquisa.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SANTEIRO, T. V. *et al.* Filmes seguidos por diálogos em grupo: experiência na transição do ensino médio para o superior. In: SANTEIRO, T. V.; BARBOSA, D. R. (Orgs.). *O que os filmes dizem de nós: Desenvolvimento Humano e Cinema em diálogo*. Uberaba: EDUFTM, 2023. p. 220-240 E-book. Disponível em: <https://sistemas.uftm.edu.br/integrado/sistemas/pub/publicacao.html?secao=1476&publicacao=12169>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SANTOS, A. S. D.; OLIVEIRA, C. T. D.; DIAS, A. C. G. Características das relações dos universitários e seus pares: implicações na adaptação acadêmica. *Psicologia: teoria e prática*, São Paulo, v. 17, n. 1, 2015, p. 150-163, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/163627/001024648.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SOUZA, A.; GAGLIOTTO, G. M. A construção histórica da sexualidade: porque ela ainda é um tabu?. *Educere-Revista da Educação da UNIPAR*, v. 23, n. 2, p. 547-559, 2023. Disponível em: <https://unipar.openjournalsolutions.com.br/index.php/educere/article/view/10164/4908>. Acesso em: 31 jul. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 71-99. 1990. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 31 jul. 2024.

Recebido em: 31/07/2024

Aprovado em: 13/10/2024